

MELANCOLIA EM ANTÓNIO DACOSTA, COMO REFLEXO DE UM MODO DE SER E DE ESTAR AÇORIANO

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9156

Assunção Melo¹

Resumo: Apesar de o sentimento de melancolia ser universal e que acompanha a humanidade, a partir do momento em que o homem tem capacidade de pensar a vida e a morte, este sentimento não pode estar, de forma alguma, desligado do clima e da geografia em que o indivíduo se insere. Aliás, Vitorino Nemésio dá o mote, quando afirma que somos um tanto de história, como de geografia². Nesse sentido, melancolia configura-se como um modo de estar ambíguo que parte do mundo interior do indivíduo e do mundo exterior, influenciando-se e interligando-se mutuamente. A sua expressão é evidenciada através de um estado de humor desolado, incómodo que o indivíduo pretende banir. Mesmo nesta contradição de existência e ao mesmo tempo de exclusão, melancolia configura-se também como uma vivência e até mesmo, como um modo de ser e de estar. No caso que pretendemos analisar, prende-se com a obra de António Dacosta e com uma pintura específica cujo título *Melancolia*, nos remete para essa reflexão do clima, da geografia e dos elementos externos de espaço e de tempo, influenciadores de um modo de ser e de estar, mais ou menos exacerbados, mas sempre em estados intermédios de melancolia. O presente artigo desenvolve-se partindo de um contexto geográfico insular, para um exemplo particular. A conclusão a que chegamos é que o clima é fortemente influenciador de um estado de espírito e portanto, contribuição deste estudo para o tema em questão deve-se ao questionamento se clima e a geografia insular açoriana são aliadas do sentimento de melancolia nos intervenientes criativos.

Palavras-chave: Spleen; torpor; bruma; Dacosta; melancolia

MELANCHOLY IN ANTÓNIO DACOSTA, AS A REFLECTION OF AN AZORIAN WAY OF BEING

Abstract: Although the feeling of melancholy is universal and accompanies humanity, from the moment man has the capacity to think about life and death, this feeling cannot be in any way disconnected from the climate and geography in which the individual is inserted. In fact, Vitorino Nemésio sets the tone when he says that we are a bit of history as well as geography. In this sense, melancholy is configured as an ambiguous way of being that starts from the individual's inner world and from the outer world influencing and interconnecting with each other. Its expression is evidenced

¹ Assunção Melo: Doutorada em História da Arte pelo Centro de Formação Avançada da Universidade de Évora, Pós-Graduada em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Licenciada em História da Arte pela mesma faculdade, membro do CHAM. Assistente Convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, lecionando no Pólo de Angra do Heroísmo a disciplina de História da Arte e do Património Construído I e II, do curso de licenciatura de Natureza e Património. Autora de cinco livros e mais de trinta artigos relacionados com a História da Arte e com o Património dos Açores, autora de palestras e conferências relacionadas com a sua área académica. É gestora da coleção de Belas Artes, Documentos Gráficos, Artes Decorativas, Brinquedos e Jogos do Museu de Angra do Heroísmo. <https://orcid.org/0000-0002-0556-4134>
<https://www.cienciavita.ept/C511-F5AC-CC7C> - mariamelo74@gmail.com

² “A geografia vale para nós, v ale outro tanto como a história” in: Revista Insula (n.º 8, Ponta Delgada, 1932). Intitulado «Açorianidade»,

through a desolate mood, a discomfort that the individual wants to banish. Even in this contradiction of existence and at the same time of exclusion, melancholy is also configured as an experience and even as a way of being and being. In the case we intend to analyze, it is related to the work of António Dacosta and to a specific painting whose title *Melancholia*, refers us to this reflection of climate, of geography and the external elements of space and time, influencers of a way of being and being, more or less exacerbated, but always in intermediate states of melancholy. This article is developed from an insular geographical context to a particular example. The conclusion we reached is that the climate is strongly influencing a state of mind and, therefore, the contribution of this study to the theme in question is due to the question whether climate and the Azorean Island geography are allies of the feeling of melancholy in the creative actors.

Keywords: Spleen; torpor; fog; Dacosta; melancholy.

LA MELANCOLÍA EN ANTÓNIO DACOSTA, COMO REFLEJO DE UNA FORMA DE SER AZORIANA

Resumen: Aunque el sentimiento de melancolía es universal y acompaña a la humanidad, desde el momento en que el hombre tiene la capacidad de pensar en la vida y en la muerte, este sentimiento no puede desconectarse en modo alguno del clima y la geografía en la que el individuo está inserto. De hecho, Vitorino Nemésio marca la pauta cuando dice que somos un poco de historia además de geografía. En este sentido, la melancolía se configura como una forma ambigua de ser que parte del mundo interior del individuo y del mundo exterior influyendo e interconectándose entre sí. Su expresión se evidencia a través de un estado de ánimo desolado, un malestar que el individuo quiere desterrar. Incluso en esta contradicción de existencia y al mismo tiempo de exclusión, la melancolía también se configura como experiencia e incluso como modo de ser y ser. En el caso que pretendemos analizar, se relaciona con la obra de António Dacosta y con una pintura concreta cuyo título *Melancholia*, nos remite a esta reflexión del clima, de la geografía y los elementos externos del espacio y el tiempo, influenciadores de una forma de ser y de ser, más o menos exacerbada, pero siempre en estados intermedios de melancolía. Este artículo se desarrolla desde un contexto geográfico insular, hasta un ejemplo particular. La conclusión a la que llegamos es que el clima está influyendo fuertemente en un estado de ánimo y, por lo tanto, la contribución de este estudio al tema en cuestión se debe a la pregunta de si el clima y la geografía insular de las Azores son aliados del sentimiento de melancolía en los actores creativos.

Palabras clave: Bazo; torpor; niebla; Dacosta; melancolia

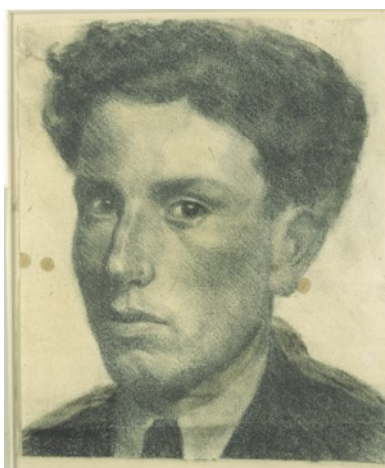


Figura 1 - Autorretrato, 1933–34, carvão s/ papel, 30,7 × 26,6 cm, col. Lisa Dacosta, ECRDAD — ADD4

Falar de António Dacosta e da sua obra é falar também de Açores. Para a compreensão do artista e da obra há que ter em conta esse fator determinante definido no ano de 2021 na minha tese de doutoramento “António Dacosta e sentido de pertença na pintura: motivações, resistências e inovações. Foi nesse contexto que definimos o conceito de geografia da arte, em que as questões do clima e com o chamado «torpor açoriano» estão bem presentes não só nos artistas, mas também nos músicos e nos escritores. Este facto é tão determinante que não pode ser descurado numa análise mais profunda das obras e dos respetivos artistas. Com o clima está obviamente relacionada a própria geografia. Em parte, a geografia faz o clima, os seus ventos a maresia, a montanha, a ressalga, o nevoeiro. Nemésio insiste na geografia quando afirma que para os açorianos «a geografia, para nós, vale outro tanto como a história». Quando a geografia é referida por Nemésio, é-lhe inerente a essa condição o próprio clima e estes dois juntos são definidores de uma tipologia e identidade açoriana. Não há nenhum dia que o açoriano não tente ler nas paisagens o clima do dia, da semana e até do mês. Este aspeto é tão definidor que a maioria dos antropólogos, geógrafos e cientistas sociais, em geral o rejeitaria, uma vez que este determinismo geográfico poderá ser alvo de interpretações ambíguas e, por isso inaceitáveis. Ver a ponta do Pico da Terceira, é sinal de mau tempo dali a dois dias, o vento da Graciosa, é o vento predominante e o vento sudoeste, o chamado vento carpinteiro, o tão temido vento que num piscar de olhos afundaria as naus, barcos e caravelas da baía de Angra. Muitos carpinteiros o desejavam para a matéria-prima dos trabalhos posteriores, quando iam junto ao mar recolher as madeiras resultantes desses destroços.

O clima e a geografia, como tentarei demonstrar são tão determinantes e influenciadores de uma identidade cultural que chegam a tocar o âmbito da psique, naquilo que designamos de melancolia. Muitos atribuem ao clima estados de alma que determinam imagéticas simbólicas, senão vejamos um exemplo do poeta florentino Roberto de Mesquita³ patente em *Almas Cativas e poemas dispersos*, publicado postumamente:

Spleen

Dezembro, dia pluvioso. Vem

Deste céu de burel um spleen mortal

Onde as almas se atolam como alguém

Que caísse num vasto lodaçal.

Olho em torno de mim: as cousas mesmas

Têm um ar de desgosto sem remédio...

E as horas vão, morosas, como lesmas,

Rastejando por sobre o nosso tédio.

O véu cinzento e denso que se espalha

Lá por fora empanando as perspetivas,

Dir-se-á também que as almas amortalha

E afoga as suas vibrações mais vivas.

Como é triste viver! Quem descobrisse

Um outro mundo, uma mansão ignota

Onde o novo, o imprevisto sacudisse

O marasmo desta alma velha e bota!

³ Poeta simbolista, nascido na ilha das Flores em 1871 e falecido em 1923.

Fumo e passeio, a chuva cai, ninguém

Passa na rua; e ao choro do beiral

Sucedem uivos do Nordeste. Vem

Desta plúmbea manhã um spleen mortal...» (MESQUITA, 1983, pp.46-47)

Por este exemplo é atestada a insularidade onde o tédio e o véu cinzento das nuvens e o marasmo se entrecruzam no espírito do nosso poeta com um sentimento de melancolia, que o próprio não rejeita, mas sublima na inevitabilidade de viver a ocidente: na ponta mais ocidental da velha Europa. Efetivamente, a ilha e o clima não têm escapado aos escritores e poetas açorianos. Poria também neste rol, os pintores. O tema da humidade Atlântica este azorean *torpor* não é de modo nenhum uma corrente literária ou artística elegida. Faz parte do seu mundo, este mundo açoriano de relações íntimas, ligadas entre o indivíduo, a geografia, o clima e os estados de alma (psique). Os dias mornos, a atmosfera pesada, a presença ou não do Anticiclone dos Açores são tão determinantes na ação ou inação:

O peso que a gente sente sobre si nos dias mornos que começam pelos fins de maio e se prolongam pelo verão, até setembro, ou começos de outubro. Estas condições afetam toda a gente, amolecem-nos, tornam o trabalho mais fatigante, afetam até o espírito, caracterizando aquilo que veio a chamar-se de torpor açoriano e que alguém com bastante malícia alcunhou de mornaça. (ALMEIDA, 2011, p. 47).

Não é que estas questões do clima e da geografia sejam novidade, como elemento definidor de uma identidade. Os antigos gregos já o tinham percebido como o excelente clima e geografia tinham sido determinantes para o desenvolvimento de uma cultura que se viria a disseminar a uma escala global. Os descobrimentos portugueses, a descoberta de novas civilizações em diferentes meridianos cujo clima é altamente definidor de modos de ser e modos de vivência. Mas nem tudo deverá ser responsabilizado diretamente ao clima e à geografia. As próprias dimensões deste território insular, na sua pequenez terrena funcionou, ao longo dos séculos, com um isolamento que permitiu muitos estudos de caso que se extinguíram progressivamente em territórios continentais ou que deles apenas restam alguns esquissos.

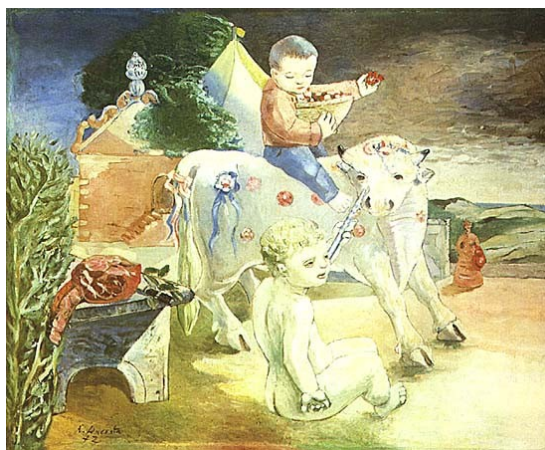


Figura 2 - António Dacosta, A Festa, 1942, óleo s/ madeira, 81 × 100, cm, col. MNAC, MC, ECRDAD — ADP31

António Dacosta coloca em termos de pintura essa jacência, essa mornaça no quadro a *Festa* de 1942 e no quadro *Sapateia Açoriana*. As brumas e os matizes *bonnardianos*, as perspectivas aéreas, os espaços parados, as caras sem rosto são o prenuncio das melancolias que ele próprio experienciou e que a família e os amigos corroboravam. Um homem que lutava contra a inércia do vagar angrense,

contra o *voo dos estorninhos nas araucárias* e contra os seus *engraxadores rezingões*, como descreveu tão bem Emanuel Félix na separata “Esboço de um roteiro sentimental” e Marcolino Candeias na sua “Ode a Angra Minha Cidade em tom de Elegia”:

(...)

Ó Angra cidade única e minha

Cidade de nevoeiro encantada silenciosa

Memória alongando -se pela bruma esvanecendo -se

Já não de D. Pedro IV mas tu cidade

Em ti própria renascida outra memória

Verdadeiramente tua

A de

Teus marginais

A de

Teus infelizes operários teus pescadores do Corpo Santo

Teus esfumados reformados em seus passos mudos

Teus engraxadores rezingões sumidos na insignificância

Teus guardas municipais de sentinas, teus vendedores de

Fava torrada e amendoim no Largo do

Prior, das Camionetas ao pé do teu Jardim (...) (CANDEIAS, 2021, pp.65-67)



Figura 3 - António Dacosta, Portugal Insular, 1939, Col. Maduro -Dias, Tinta-da-china s/ papel, 35 × 24,9 cm, ECRDAD — ADD408

No entanto é na pintura metafísica de De Chirico que Dacosta se irá inspirar para a pintura de *Melancolia* datado de 1942. A desesperança sentida nesse ano, onde a ditadura e o SPN davam o mote. A rejeição do seu desenho “Portugal Insular” de 1940 para figurar da Exposição do Mundo Português, depois o fatídico incêndio no ateliê de António Pedro, onde havia perdido parte das suas pinturas, foram o prenuncio de uma partida sem bilhete de regresso para Paris no ano de 1947. O convite de Pierre Hourcade era irrecusável. Paris configurava-se como nunca a nova *meca* dos artistas. Um novo élan, uma obra renovadora a haver... Mas enfim, veio outra vez a desilusão que pautara os seus trabalhos do início da década de 1940. Inação, estado de estupor, aquele estado de mornaça das ilhas. Um silêncio de morte e depois a escrita haveria de colmatar esses espaços de pintar. Mas voltemos à nossa *Melancolia* surgida desses enigmas sem tempo e sem espaço, surgida dos nadas das coisas em redor, do mistério das imagens contraditórias, das iluminações irreais, das perspetivas impossíveis. *Melancolia*, esse sentimento experienciado e vivenciado pelo artista era então sinónimo de inquietação, de solidão, gosto pelo insólito enquanto memória de uma existência sem referente. Assim nos apresenta *Melancolia*, uma pintura com dois tempos e com dois espaços, separados por um muro amarelo, que contém uma ficha elétrica e respetivos fios. Mais uma vez os elementos insólitos e inquietantes, com sombras e perspetivas impossíveis apresentam-nos novos contextos terrenos de um universo galáctico imaginário. Esta é uma melancolia de tempo e de espaço, como se o tempo e o espaço sugerissem sentimentos melancólicos com existência própria e fora do indivíduo.



Figura 4 - António Dacosta, *Melancolia*, 1942, Col. Maria Antónia Figueiredo de Santos Loureiro, Óleo sobre tela 31 x 25 cm, ECRDAD — ADP29

A perceção da morte é desses mesmos anos, onde demonstra esse sentimento de melancolia em “O trabalho das nossas mãos”, datado de 1943, onde se retiram os seguintes excertos:

“Tardes imóveis à porta do nosso medo”.

(...)

“O teu sangue crepuscular dissolvia o meu remorso”.

(...)

“O nosso receio não era já das cinzas que nos apoucam a limpidez do céu”.

(...)

“Porque o nosso peso era de símbolos, decidiste criar outros”.

(...)

“O branco ensinou-nos a espada. A espada a coragem de a saber inútil”. (DACOSTA, 1943, s/p)

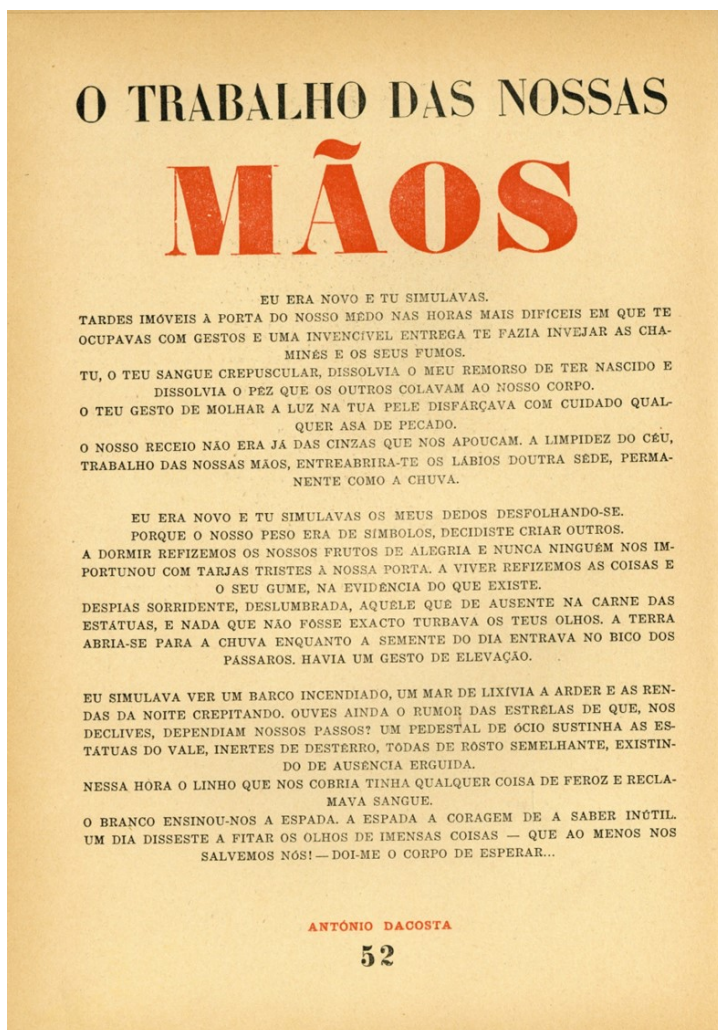


Figura 5 - António Jacosta, Poema: *O Trabalho das Nossas Mãos*, 1943

Para concluir, temos a forte convicção de que o clima e a geografia insular açoriana é uma aliada do sentimento de melancolia nos intervenientes criativos, quer seja na pintura, na literatura ou na música. As brumas, o spleen, o torpor açoriano, configura-se como uma vivência fora da natureza humana, mas fortemente influenciadora de um estado de espírito. Esta espécie de estado dionisiaco em contraste com estados apolínicos é, frequentemente, percecionado nos açorianos, sobretudo terceirenses. Esta espécie de bipolaridade que entremeia a mornaça dos tempos mornos e parados e as tempestades sombrias alternadas de dias claros e luminosos é uma constatação experienciada e comumente aceite. Essa aceitação justifica modos de ser e de estar melancólicos que transitam entre o indivíduo e a paisagem, entre a paisagem e o objeto e entre o objeto e o indivíduo. Permutando-se mutuamente, isentam-se de culpas. É na aceitação da melancolia que reside a sua permanência.

Referências

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. (2011). *Açores, Açorianos, Açorianidade, um espaço cultural*, Instituto Açoriano de Cultura.
- CANDEIAS, Marcolino. (2021). *Como quem vai ao horizonte. Poesia reunida de Marcolino Candeias*. Coordenação Dinis Borges, Instituto Açoriano de Cultura.
- DACOSTA, António. (1943), Revista *Variante*.
- FÉLIX, Emanuel, in «António Dacosta, Esboço de um roteiro sentimental», Separata da revista Atlântida. Comunicação proferida na sessão solene de homenagem ao Pintor António Dacosta, dezembro de 1987, aquando da realização da 2.^a Bienal de Arte dos Açores e do Atlântico.
- FREITAS, Vamberto. (2013). *O imaginário dos escritores açorianos*, Letras Lavadas, Nova Gráfica.
- MELO, Assunção. (2014). *António Dacosta, A Clarividência da Saudade*, Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- MESQUITA, Roberto. (1983). *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- ROSMANINHO, Nuno. (2018). *A Deriva Nacional da Arte, Portugal, séculos XIX–XXI*, Edições Humus, outubro.